

NADA É PRA JÁ

Rafael Farah

Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

As verdadeiras constantes das paisagens são suas tradições pontuais de desarranjo. Explico: A história dos lugares, em especial das cidades, é, quase sempre, marcada pelo cabo de guerra entre um certo deslocamento contínuo e a autoimagem como uma camiseta surica. São nesses termos que a cidade se desloca sorrateiramente dentro de seu próprio eixo toda vez que os olhos não estão postos nela. Nada é tão fixo que o vento, a maresia ou o nível do mar não possam modificar. E nesse meio-tempo em que divago, roubaram novamente os óculos de Drummond, na praia de Copacabana. O leitor desatento de *timelines* frequenta esta manchete com a mesma regularidade que revive o vídeo do carioca revoltado com Sérgio Cabral “Tartaruga Touché”, Nicole Bahls e a chuva na São Francisco Xavier enchendo seu carro. Como de praxe, a promessa da prefeitura foi de imediato reparo à estátua, que deve voltar a enxergar em cerca de um mês. Após a décima terceira ocorrência, o sequestro dos óculos já ganha status de patrimônio imaterial da cidade.

Mistério e cobiça rondam as explicações por trás do sumiço de um objeto tão dileto como os óculos do poeta. Mal comparando, o famoso roubo da Taça Jules Rimet- ancestral troféu dourado da Copa do Mundo- e o alvoroço que causou não chega aos pés do emaranhado humano que ronda a cobiça por uma parte do poeta mineiro. A bem da verdade, não compreende nem um terço da comoção em volta do roubo da Taça da Copa de 1970: nem é revestido de metal brilhante; ao contrário, Carlos é inteiramente fosco. Parece que o par de lentes, diferente da insubstituível taça, tornou-se ausência presente, sentida, ainda mais característica que o homem de bronze que os veste. Embora a estátua não seja única no quesito de escritores valiosos, quando lembramos de uma também maltratada Clarice Lispector na outra ponta da praia de Copacabana, pouco se ouve acerca do novo roubo dos óculos de Clarice; que não usava óculos.

Desde 2002, data de instalação do monumento, os custos oculares do mineiro já foram bancados por quase todas as esferas financeiras: primeiro pelo escultor do poeta, até que este deu a vez para que uma multinacional francesa se encarregasse dos custos de reparo. Quando esta cansou-se de pagar o Carlos, a Prefeitura do Rio vestiu a camisa e a Secretaria de Conservação e Meio Ambiente o abrigou em suas asas.

Assim como Clarice, instalada no Leme, que por diversas vezes acordou nos dejetos daqueles não tão bronzeados como ela e seu cachorro inanimado, Drummond

também conta com um rol de agressões. Chute ao rosto, pé-de-cabra, assalto à mão armada: quase tudo documentado pela câmera de vigilância posta no local, que não diminuiu o assédio. Uma estimativa projeta quase cem mil reais somados de todos os restauros, pagando em muito os sessenta e cinco mil do projeto original, e certamente muito mais que um oculista jamais cobrou o poeta quando em vivo.

O senso comum explica que a oportunidade faz o ladrão. A mesma Secretaria ligada à Prefeitura, na penúltima ocorrência há oito anos, recusou-se a divulgar o prejuízo do roubo para assim “não estimular mais casos de depredação”. Como várias das anedotas e histórias genuinamente cariocas, as seguidas pataquadas desse caso se canonizam pela tragédia de nunca se resolverem. Somos repletos das fábulas sem moral, historietas sabotadas pela metade, órfãs de conclusão, nos incitando a completar o trabalho incompetente da memória, da historiografia oficial e, principalmente, das autoridades competentes. São esses os personagens mais fiéis da fosca e charmosa decadência carioca: o revoltado tijucano do carro inundado; os trambiqueiros do roubo da Taça, dos óculos; os primeiros malandros que cultuaram a lenda do tesouro dos jesuítas, escondido sob os escombros do Morro do Castelo. Causos que dão contornos à cidade, histórias sem moral e sem conclusão que nenhuma restauração paga e nenhuma Secretaria explica.

A aguardada manchete que acompanha o evento do roubo torna-se praticamente o troféu de todo e qualquer um que queira reclamar para si a continuidade da tradição. Como o senso comum gosta de afirmar: em uma cidade mais séria, a primeira ocorrência seria suficiente para que não se repetisse outras doze vezes. No entanto, graças ao lirismo e às lacunas da história, não somos sérios e o banco de metal em que repousa o poeta mineiro está representado no grande pódio dos malandros deste século corrente. Diferente trato foi dispensado aos também anônimos protagonistas do roubo da Taça, retratados como eternos traidores da vitória. Entretanto, não existe traidor não recompensado quando se trata de descaracterizar o bem comum a favor de interesses de momento.

Este poderia ser um assunto de predileção para um Drummond *flâneur*, que poderia enxergar hoje um reflexo turvo das calçadas de antes. Aliás, como observado em uma placa perdida nas esquinas das ruas Rainha Elisabeth e Conselheiro Lafaïete, em Copacabana, próximas à estátua míope. A placa que nomeia o entroncamento de “Largo do Poeta”, inaugurada como tributo ao poeta ainda vivo, tomou o lugar de onde ficava o busto de um tal Alberto, rei eventual da Bélgica. Muito gentilmente, em carta cravada na placa, Drummond aceita a gentileza que “ressuscita” a pracinha próxima de sua casa, em palavras do mesmo. “É tão bom fazer reviver aspectos do Rio que o falso urbanismo veio descaracterizando ou destruindo.”

Hoje, o apartamento de Carlos estaria situado próximo ao Posto 6/Seara, como ensinam os mapas oraculares do Google. Caso usasse o metrô com a frequência de suas caminhadas, uma hora ou outra teria passado pela inócua estação Botafogo/Coca-Cola. E caso fosse ele assaltado violentamente em alguns desses passeios pela orla de Copacabana, se espantaria com o preço de um oculista. Fosse como fosse, os costumes se moldam às mudanças, urbanismos falseados e por aí vai. A cidade tem planos diferentes para si mesma que aqueles formulados pelo rei da Bélgica ou a Secretaria de Conservação e Meio Ambiente.

É possível que as consequentes manchetes e assaltos à estátua façam mais jus à memória do escritor e da cidade em que foi incorporado que a tal placa. Se os prognósticos mais realistas se confirmarem e o Rio se tornar a cidade submersa da música de Chico Buarque, os escafandristas poderiam aliviar mais essa e repor novamente os óculos em Drummond, desta vez roubado pelos botos. Nada é pra já.